

Fernando de Castro Pires de Lima

Maria Clementina Pires de Lima

O VINHO VERDE NA CANTIGA POPULAR



Barcelos

1939



B(469.11/.12)

B18/1350

4000.00
20.€

O VINHO VERDE
NA
CANTIGA POPULAR

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO —————
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS —————

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

MARIA CLEMENTINA PIRES DE LIMA

O VINHO VERDE NA CANTIGA POPULAR

BARCELOS

1939

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N.º 63744 *Remu.*

Barceliana

Exemplar n.º **9**

À SAGRADA MEMÓRIA
DO NOSSO AVÔ MATERNO,
JOAQUIM DE CASTRO SILVA,
QUE TANTO AMOU
A TERRA EM QUE NASCEU.

Entre os braços do ulmeiro está, a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes.

.
Entre no Reino d'água o rei do vinho.

CAMÕES.

O vinho verde é alegre, é fresco, é leve, é sem responsabilidade. Deixa de lado a inteligência e vai ao coração. Conduz a romaria, ajuda os festejos, torna mais agradáveis as raparigas e menos tímidos os amorosos.

AFRÂNIO PEIXOTO.

PREFÁCIO

QUEM entra num museu de Belas Artes da Bélgica ou da Holanda, onde quer topa com maravilhosos quadros de vélhos autores consagrados, que escolheram para tema cenas dionisíacas, passadas em antigas *bodegas* dos Países-Baixos.

A Arte flamenga e a Arte holandesa muito se ocuparam de *interiores*, que documentam com precisão os costumes e o modo de viver dos antigos habitantes da Flandres.

Em França os motivos báquicos encontram-se mais freqüentemente na poesia e, dos *poètes de la ripaille*, fizeram-se graciosas collectâneas.

Portugal, país vinhateiro por excelência, não tem aproveitado aquêlê motivo com a largueza com que o fizeram os artistas das nações do Norte.

Àparte algumas obras primas, como o «Baco» de Teixeira Lopes, que tanto faz lembrar as personagens de «Los Borrachos» de Velasquez, e o «Fado», formosa tela de Malhoa, e os versos do quási esquecido poeta João Penha, só muito por incidente os motivos orgíacos têm interessado os artistas portugueses.

Realizou-se, há pouco, em Lisboa, o «Congresso Internacional do Vinho e da Uva»; vieram associar-se a êle pessoas cultas de tôda a Europa, e devemos confessar que os nossos ilustres visitantes não levariam de Portugal impressões justas sôbre o que valem como país produtor de vinho.

Sobretudo o Norte, empório do vinho do Pôrto e do tam mal conhecido *vinho verde*, recebeu os nossos hóspedes de forma apagadíssima, deixando perder uma ocasião única de propaganda.

Se os nossos artistas se não têm ocupado, com a largueza merecida, dos temas báquicos, o povo, nas suas ingénuas quadras e nas suas belas melodias, celebra, com ritmo encantador, tôdas as operações da cultura da vinha e do fabrico do vinho e canta ruídosamente a alegria das libações.

Mas infelizmente, como acentuou o Prof. Aarão de Lacerda, não se fez ainda, sistematicamente, em tôdas as regiões viti-vinícolas portuguesas, o inventário das canções populares relativas ao assunto.

E também é forçoso concluir que, nos nossos chamados meios artísticos, ainda não se compreendeu bem a importância da melodia popular.

Há longos anos que dois irmãos, interessados pela etnografia, Fernando de Castro Pires de Lima e Maria Clementina de Castro Pires de Lima, se entretêm a colher, no Minho, aquêles quadras populares, e esta as melodias correspondentes.

Estimulados, talvez, pela realização, em Portugal, do «Congresso Internacional do Vinho e da Uva», lembraram-se de destacar, das suas opulentas colecções, as quadras e as melodias de carácter báquico, e, sendo convidados pelos «Estudos Portugueses», ali foram apresentar o seu trabalho na noite de 20 de Dezembro de 1938.

Neste livrinho vai arquivar-se a conferência de Fernando de Castro Pires de Lima intitulada «O vinho verde na cantiga popular», bem como onze melodias minhotas recolhidas por Maria Clementina Pires de Lima e harmonizadas, quer por ela, quer pelos consagrados compositores Lucien Lambert, Berta Alves de Sousa e Luiz Costa, que tanto a honraram com a sua brilhante colaboração.

Como vai ver-se, Fernando Pires de Lima encara a questão sob o ponto de vista etnográfico e higiénico, focando, entre outros, os seguintes pontos :

- As poesias e as melodias populares do Minho.
- O uso moderado do vinho verde é útil à saúde.
- A água, como bebida, pode ser mais nociva que o vinho.
- O vinho na História de Portugal: a alegria de D. Pedro I; Vasco da Gama ofereceu vinho ao Catual, que recusou; Albuquerque mandou ir para a Índia vinho tinto do Reino.

- Se os nossos navegadores não levassem uns barris de vinho nos porões das caravelas, não teriam chegado à Índia e ao Brasil.

— Meia dúzia de Portugueses, que bebiam vinho e comiam carne, dominaram centenas de milhões de homens que bebem água e comem arroz.

— O vinho e a água na canção popular: esta serve para lavar a cara e a roupa e para regar os campos. Para beber, só vinho...

— O esforço e as dificuldades do viticultor.

— Preconceitos à cerca do vinho, gerados à volta de injustificados conselhos médicos.

— Porque é que os soldados portugueses não bebem vinho às refeições?

— O vinho e as uvas na canção popular.

— É preciso regular, sob o ponto de vista higiénico, o uso do vinho.

— O vinho nas romarias.

Esta conferência terminou por um concêrto, em que o meio-soprano Noémi de Macedo Pinto Ventura cantou, de maneira extremamente graciosa, dez melodias populares de carácter báquico, recolhidas no Minho por Maria Clementina Pires de Lima, que acompanhou ao piano a gentilíssima cantora, precedendo de algumas palavras a execução de cada uma das obras.

Fora do programa, foi ainda cantada a bela canção « Debaixo daquela ponte » que fôra recolhida pela distinta artista Berta Alves de Sousa e harmonizada, na véspera da conferência-concêrto, por Maria Clementina Pires de Lima.

Eis o programa do concêrto:

1) *Cantilena dos pedreiros de Melgaço*, harmonização de Lucien Lambert.

2) *Olha o Quico !**, harmoniz. de Maria Clementina Pires de Lima.

3) *O Chirínó**, harmoniz. de Maria Clementina Pires de Lima.

4) *Para os nossos copos !**, harmoniz. de Maria Clementina Pires de Lima.

5) *Ó peão !**, harmoniz. de Maria Clementina Pires de Lima.

* Primeira audição.

- 6) *Ó vinho, licor famoso !*, harmoniz. de Berta Alves de Sousa.
- 7) *Pelo mar abaixo !*, harmoniz. de Berta Alves de Sousa.
- 8) *Boa noite, ó meu patrão !*, harmoniz. de Berta Alves de Sousa.
- 9) *O vinho*, harmoniz. de Luiz Costa.
- 10) *Adega de vinte pipas **, harmoniz. de Lucien Lambert.
- 11) *Debaixo daquela ponte **, harmoniz. de Maria Clementina Pires de Lima.

Aqui fica arquivado o trabalho dos dois jovens etnógrafos, trabalho que muitas centenas de pessoas apreciaram na noite de 20 de Dezembro de 1938.

Não podia ser mais sugestivo o tema: muito agradou êle aos habitantes da cidade que deu o nome ao mais famoso vinho de todo o mundo e que é capital de Entre-Douro-e-Minho, região onde se produz o vinho verde, que tantas graciosas canções tem inspirado ao povo. Note-se, como exemplo, a ironia e a graça da cantiga colhida pelo inteligentíssimo lavrador maiato Sr. Augusto Simões :

Quando eu tenho tristeza,
Espalhá-la é meu costume,
Com água pisada aos pés,
Fervida, sem ir ao lume...

PÔRTO
JANEIRO DE 1939.

J. A. Pires de Lima

* *Primeira audição.*

CONFERÊNCIA FEITA
NOS «ESTUDOS PORTUGUESES»,
EM 20 DE DEZEMBRO DE 1938,
POR F. C. PIRES DE LIMA

I

Considerações prévias

HÁ muitos anos que, nas férias grandes, me dedico ao estudo do folclore minhoto e muito especialmente às cantigas populares. Assim elaborei três cancioneros, dois em S. Simão de Novais, simpática aldeia de Vila Nova de Famalicão e outro em Celorico de Basto, vila do Minho, fronteira da Província de Trás-os-Montes.

A riqueza etnográfica de Portugal é fonte inesgotável. Hoje mais do que nunca é necessário fazer-se a colheita e arquivo do folclore nacional, em virtude dos efeitos destruidores dos chamados progresso e civilização.

O assunto dêste meu trabalho «O vinho verde na cantiga popular» é um dos ramos mais pitorescos do folclore nacional.

Ninguém ignora que o problema do vinho é capital para a honra e economia da Nação. Um país que tem o vinho do Pôrto, os vinhos demarcados do sul e o vinho verde é sem dúvida nenhuma o primeiro país vinícola do mundo.

Não é êste o momento próprio para defender clinicamente as vantagens do vinho verde. No entanto, não se deve con-

fundir o uso regrado do produto fermentado da uva com o alcoolismo. São coisas absolutamente diferentes. Tudo o que é excesso é erro. O uso moderado do vinho é necessário para a vida. Combater o vinho pelo vinho é mais do que um pecado, é crime! A maioria dos médicos portugueses proíbe, com uma certa facilidade e injustiça, o uso, mesmo moderado, do grande produto nacional. Pode dizer-se que em tôdas as doenças se contra-indica. Um país que atravessa um momento de verdadeiro nacionalismo tem de defender por todos os meios a maior riqueza que nasce e se cria em terra lusitana.

Já vi médicos receitarem produtos em que entra vinho do Pôrto e proibirem aos doentes o uso do próprio vinho. É freqüente não ser permitido o uso do café a certas senhoras que sofrem do fígado e consentir o uso e abuso da cafeína nas suas diferentes modalidades. E o café é também um produto do Império Português. . .

Não queremos alongar-nos neste ponto, mas isto vem demonstrar a obrigação que há de se modificarem certos conceitos clássicos da vida clínica. O perigo da água é muito maior que o do vinho, desde que êste seja utilizado com pêsso e medida. O vinho verde é um excitante magnífico. Estamos convencidos de que a alegria da gente do Minho é devida a êste líquido tam saboroso. As festas e as romarias não seriam possíveis sem o vinho verde. O vinho é satisfação e prazer. Não há dúvida que a magnífica raça portuguesa deve ao vinho uma das suas qualidades capitais: a alegria de viver.

D. Pedro I, o rei popular, divertia-se no meio do povo e como êle. Bebia e dançava ao som da música e do vinho a saltar das pipas. Vinho e música, cantigas e bailados, são as festas do Minho, são as festas do povo português! O vinho verde é filho da terra fecunda, dum solo riquíssimo, e amadure-

cido por um sol magnífico e sem nuvens a encobri-lo. Dá fôrças aos rapazes e alinda as raparigas.

Queremos crer que o tom policromado dos trajes viannenses, os mais belos do mundo, são côres inspiradas nas diferentes tonalidades do maravilhoso nectar, que vai do branco puríssimo ao tinto mais carregado. O vinho verde é sagrado nos altares, irreverente nas desfolhadas e excitante nas romarias. O vinho verde é sangue da uva, que dá fôrça ao organismo e que entra nêle em suave transfusão. O vinho verde é único no mundo e com paladar e sabor inéditos e inconfundíveis. Estamos convencidos, perdoem-nos a irreverência, que um dos factores mais importantes da anemia da raça é o pouco uso do vinho. Se os nossos grandes navegadores bebessem água, nunca teriam chegado à Índia, nem ao Brasil.

E tanto assim é que Camões, no canto VII dos Lusíadas, ao descrever a visita do Catual ao Gama, diz :

«Pelo que vê pergunta ; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquêlê deleite que tanto ama
A seita Epicureia experimente.
*Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara a gente ;*
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende».

E caso curioso se depreende desta estância dos Lusíadas: Os conquistadores bebiam vinho e os conquistados não. Mais um elemento fundamental em defesa da nossa tese.

O vinho verde é inspirador do poeta popular criador de tam notáveis obras primas. Amor e vinho, paixão e alegria.

Bendito seja o vinho, o animador da alegria no trabalho! Bendito seja o vinho, que dá fôrça ao cavador e alegria ao ceifeiro. Viver sem beber é impossível ao Minhoto. Pretendemos

demonstrar a influência do vinho verde na cantiga popular. E vai ver-se como é notável a opinião do poeta do Minho sobre as diferentes modalidades do emprêgo da água e do vinho. De facto, é bem verdadeira a expressão que nos diz: «aquilo é diferente como a água do vinho». E assim é na realidade. Cada coisa tem a sua utilidade e o seu emprêgo bem distinto. O povo explica bem essa diferença, como se vai provar.

É curioso ver-se, nos «Comentários de Afonso de Albuquerque», o que o grande capitão pensava da necessidade do vinho. E assim mandava pedir «vinho vermelho do Reino».

Bons tempos êsses em que não havia laranjadas e outras bebidas similares, feitas com água, cuja origem deveria ser rigorosamente verificada; e, quanto a sumo de laranja, algumas dúvidas temos... Por outro lado, também não havia cervejas e cidras, cuja fermentação deve ser feita escrupulosamente, porque, em caso contrário, grande perigo apresentam para a saúde. Mas, seja como fôr, um país em que há vinhos excepcionais e águas minerais das melhores, não se compreendem outras bebidas que não sejam essas, ou feitas à custa delas. Se nesse sentido se legislasse, era outra medida de grande alcance que ficaríamos a dever ao Estado Novo.

Mas entremos pròpriamente no assunto. O povo tem conceitos lapidares nesses poemas minúsculos de quatro versos. Aqui trataremos das quadras referentes ao vinho e, por contra-partida, à água.

Vamos deixar-nos ir ao sabor e jeito da cantiga e ela exemplificará melhor do que ninguém a doutrina defendida pelo autor dêste estudo. Principiaremos com as quadras relativas à água e vamos ver para que ela serve e quais os seus usos, segundo a sabedoria popular. Depois entraremos pròpriamente no estudo das cantigas relativas ao vinho, sem nos esquecermos daquelas em que a uva e a vide são cantadas.

No fim desta conferência serão apresentadas algumas melodias populares colhidas por Maria Clementina Pires de Lima. Melhor do que ninguém, elas explicarão a alegria das gentes do Minho.

Ver-se-á que a música portuguesa de amanhã terá de ser inspirada na melodia popular, a verdadeira e única canção nacional.

II

A água na cantiga popular

a) — A higiene do corpo

O povo do Minho compreende que a água serve para tudo, menos para beber. Encontram-se imagens de beleza impressionante nas quadras em que aparece a água como motivo principal e até como assunto secundário. A importância da água surge-nos na cantiga duma forma bem explícita. Assim por exemplo:

Lá vai a Laurindinha:
Vai tam lavadinha...
Vai ver o namoro,
Que anda na marinha.

A elegância e a beleza da mulher deve-se em grande parte ao uso da água, à higiene do seu corpo e da sua roupa. O aceio é indispensável para uma pessoa que se preza. Esta quadra é bem demonstrativa da importância capital da água no campo vastíssimo da Higiene.

Vejamos agora :

Maria usa de manhã,
De manhã quando se ergue,
Lavar a bôca com água,
Por causa do ar da neve.

Continua a ver-se a importância que a água tem para a higiene do nosso corpo. A água é de facto elemento fundamental no capítulo importantíssimo da Higiene. O povo nestas duas quadras precisa bem a sua importância, de maneira delicada.

Compreende-se, depois do que deixamos escrito, o ódio que merece uma pessoa pouco limpa. A falta de Higiene é verberada de forma clara na quadra que vamos ler :

Julgavas que eu te queria,
Ó meu preto do inferno ?
Não há água que te lave,
Nem no pino do inverno.

b) — A água elemento indispensável na agricultura

No Minho, desde que falta a água nos campos, pode considerar-se o ano agrícola muito mau. Sem a água não pode haver bom vinho, nem bom milho, nem bom centeio, nem bom trigo. Compreende-se portanto a importância que o lavrador dá a água da rega. Deixa tudo para se dedicar ao aproveitamento dessa água, que em breve fará produzir o pão nosso de cada dia e o vinho, êsse oiro líquido de ricos e pobres. É bem demonstrativa a cantiga :

Vou-me embora, levo pressa,
Levo água de regar.
P'ra domingo falaremos,
Qu'ê dia de mais vagar...

Depois o poeta popular precisa a maneira como deve aproveitar-se a água que vai dar vida à terra e fazê-la produzir mais e melhor :

Quem quiser que a água regue,
Faça-lhe o rêgo bem feito;
Quem queira ser bem tratado,
Trate-me a mim com respeito.

*

Quem quiser que a água regue,
Dê-lhe talho na levada ;
Quem quiser vencer a sua,
Cale-se, não diga nada !

E depois a tragédia da sêca, em que a terra se desfaz na sua sêde infinda e o lavrador, sem água para lhe dar, chora a sua tragédia, que é a tragédia da própria terra, sangue do seu sangue. A sêde da terra é das mais angustiosas e das mais trágicas para o homem e por contrapartida para a economia da Nação.

A secura da terra é bem observada nessa cantiga cheia de beleza e de poesia, em que o poeta anónimo geme essa tristura numa emoção profundíssima :

No alto daquela serra
'Stá um jardim a secar.
Os meus olhos se vergaram
A dar água p'ro regar...

E é de tal maneira importante para o agricultor o interesse capital da água, que êle em quatro versos o demonstra:

A açucena c'o pé n'água
Dura mais quarenta dias.
Eu sem ti, nem uma hora,
Quanto mais anos e dias...

c) — A higiene da roupa

Também serve a água para lavar a roupa. A cantiga popular não o ignora e, assim, apresenta-nos exemplares curiosíssimo sem que êsse motivo é tratado. Veja-se, no que vamos apresentar, o convite que o poeta faz às lavadeiras dum certo rio, aconselhando-as a mudar de sítio e procurarem noutro rio melhor água para lavar:

Ó moças do rio triste,
Vinde lavar ao alegre!
A água do nosso rio
Deixa a roupa como neve.

E agora notem V. Ex.^{as} a veia humorística do trovador, numa quadra cheia de graça e de espírito:

Ó preto! P'ra que te lavas
Se branco nunca hás-de ser?
A água já o jurou,
De ti branco não fazer...

d) — O Navio e o Mar

A aventura portuguesa! A aventura científica dos lusitanos foi o mar! O mar português! O navio, o grande instru-

mento dessa ousada façanha. A quadra popular interpreta êsse sentir. A partida do navio que há-de atravessar o mar:

Aquêle navio novo,
Aquêle novo navio,
É o que me há-de levar :
Passou as ondas do rio.

Quem sabe se foi a lenda do Cabo Não que impressionou o poeta popular nesta cantiga tam cheia de emoção. E as lendas e o mêdo iam desaparecendo, por obra e graça do génio português :

No meio daquele mar
Tenho uma pedra comprida;
Tem um letreiro que diz :
Quem lá fôr, arrisca a vida!

e) — A fonte, o rio e o amor

Num povo de poetas, o rio e a fonte são retiro de saúde para aquêles que sofrem de amor. E não há povo nenhum que ame mais e melhor o amor. A Pátria de Pedro I, o amante de Inês de Castro, «a que tinha colo de garça», e de Mariana Alcoforado, aquela que escreveu as mais belas páginas de amor que o mundo tem visto, é terra de muito amor! O amor português é de um romantismo cheio de doçura e suavidade. Quanto pode o coração da mulher amada e enamorada! Quanto pode o coração da mulher portuguesa!

Pus-me a chorar, ao pé d'água,
Páginas de sentimento ;
Uma voz me respondeu :
Nada cura como o tempo!

A preocupação dos namorados, a ânsia de estarem sempre juntos, o receio do esquecimento, o ciume da ausência é distintamente esboçado nesta cantiga :

Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre;
A água me respondeu :
Quem tem amores não dorme...

A fonte é lugar cheio de poesia, como as margens do rio. A água a cair em fio cristalino parece gemer uma cantiga de amor. São bem demonstrativas as seguintes quadras, cheias de beleza, cheias de poesia :

Fui à fonte das três bicas,
Encontrei uns namorados:
Enchi-lhe o cânt'ro de rosas
Fiz-lhe a rodilha de cravos!...

*

Fui à fonte p'ra te ver,
Ao rio p'ra te falar;
Nem na fonte, nem no rio,
Nunca te pude encontrar...

E sempre o humorismo a responder ao amor, como muito bem o demonstra a composição de quatro versos colhida em S. Simão de Novais. No entanto, «quem desdenha quer comprar»!...

A água clara vai turva,
Chega ao mar *enquelfarece*.
As mulheres são como a chuva :
Aos três dias *aborrece*.

f) — A água não serve para beber

Chegamos ao fim da primeira parte dêste trabalho e vamos concluir que a água serve para tudo, menos para beber. O povo do Minho, alegre e prazenteiro, nasceu e viveu entre o vinho. Foi o vinho verde que fêz fortes os moços de lavoura e bonitas e sãdias as lavradeiras. O vinho tem uma grande influência na estética do Minhoto. Dá côr e aguça a inteligência. No cancioneiro popular existe a prova provada desta opinião.

Pode beber-se água, muita água, mas a sêde persiste. Vejamos :

Fui à fonte beber água,
Bebi, tornei a beber;
Nem meu coração se enfada,
Nem meus olhos, em te ver.

E, como a voz do povo é a voz de Deus, continuemos a ouvi-la dentro do seu critério, dentro da sua opinião, dentro da sua vontade. E é tam explícita e singela, nestas quadras tam bonitas na sua singelíssima beleza :

Que passarinho é aquêlê
Que passa o rio e não bebe?
Levava o bico fechado,
Por causa do ar da neve.

*

As pombinhas da Cat'rina
Foram ao rio beber;
Acharam a água fria,
Tornaram a recolher.

Que passarinho é aquê
Que anda no lameiro verde?
Sempre c'o bico na água,
Dizendo que morre à sede . . .

De facto não são precisas mais palavras do que aquelas que estão enquadradas nas cantigas. Numa é a neve que proíbe que se beba, na outra é a água fria e na terceira a insatisfação permanente, bem demonstrativa que a água não mata a sede. Mas o poeta povo é mais preciso nos seus conceitos lapidares, considerando a água para beber o seu inimigo n.º 1. Vejamos:

Auga do rio vai turva,
Não fui eu que a turvei;
por *male* dos meus pecados
Auga turva beberei.

Não pode um poeta inspirado ter bossa para a poesia, se beber água. Compreendo isso perfeitamente. Mas, melhor do que ninguém, diz uma cantiga cheia de espírito:

Antoninho, cara linda!
Não vás à fonte beber,
Que lá estão penas de morte,
Não te posso ver morrer!

Está bem demonstrado, que para beber se fêz o vinho. A água é para lavar, e para regar e para tudo, menos para beber. Êsse grande papel pertence ao vinho, o amigo do lavrador, o seu companheiro de trabalho e de alegria. Mas, melhor do que tudo e todos, lá está o povo para o dizer na

sua expressão bem minhota, bem portuguesa. Ouvi com atenção as cantigas :

Tomem nota, meus senhores :
A água vem de carrinho . . .
Leve o diabo as paixões,
Venham garrafas de vinho! . . .

Ó meu amor, vinho, vinho,
Que eu água não sei beber :
A água tem sanguessugas,
Tenho medo de morrer . . .

III

O vinho na cantiga popular

DEPOIS de demonstrar qual o emprêgo da água, segundo o Minhoto, vamos agora entrar nos domínios do vinho verde. É ver como o poeta popular interpreta êsse famoso néctar, digno de deuses. Tudo que o Minho dá é para a despesa do cultivo da terra. O vinho é o lucro legítimo. O Estado Corporativo e Cristão, organizado por êsse homem de génio que se chama Salazar, tem resolvido problemas fundamentais para a economia da nação. Falta ainda, e isso é questão de vida ou de morte para o lavrador Minhoto, criar-se o grémio dos produtores, pois que só assim se poderão defender os interêsses legítimos dos lavradores, hoje tam mal defendidos e altamente prejudicados por pseudo-organizações corporativas.

A gente do Minho, aquela que labuta de sol a sol, acarinhando a terra, não sabe sequer que existe a cerveja, laranja, ou outra qualquer bebida artificial; apenas conhece o vinho, que êle cultiva com tanto carinho e com tanto esforço.

Cavar a terra, adubá-la, podar as videiras, enxertá-las, amarrá-las e todo êsse cortejo complicado e trabalhoso até à colheita e ao esmagar da uva até ela fermentar nos lagares. Depois envasilhar e vender. É preciso dar ao lavrador o dinheiro correspondente ao seu esforço ingente e tam mal retribuído! Compreendemos que o comerciante e intermediário tenham o seu lucro, mas não compreendemos que êles ganhem tudo, em prejuízo do produtor e do consumidor.

Quantas operações tem o lavrador que fazer para que a uva loira e vermelha se transforme em vinho branco e tinto! Que espantoso êsse milagre da natureza auxiliado pelo homem, que mal sabe ler e que tam relevantes serviços presta à economia da Nação! Quanto é nobre e ingrata a vida sã e honesta do lavrador!

Mas não falemos em tristezas, por que o vinho é expressão de intensa alegria.

O vinho em Portugal é problema que ainda não foi encarado como devia ser. E assim é, na verdade. Abusa-se de formas e hábitos perfeitamente estranhos ao tradicionalismo português. Admite-se lá o uso do chá das cinco? Porque não o vinho das cinco? Era nacional esta atitude, bem compreensível da hora que passa, cheia de nacionalismo no mais alto sentido da palavra. E reparem que no Minho somos recebidos a qualquer hora com um honrado e perfumado copo de vinho. Aqui sim. Aqui, nesta deliciosa província, é que se compreende bem a solução do problema vinícola; mas entre pessoas finas não é bem um copo de vinho sóbrio e espumoso. Parece mal, o vinho é uma bebida pouco elegante para as gentes da cidade. Portanto, tomemos chá. Não há dúvida que voltamos as costas ao produto maravilhoso que a terra lusitana dá. É triste, mas é assim. Nos brindes solenes dum casamento ou duma recepção, usa-se *champagne* falsificado. Por-

que não o vinho do Pôrto? Também parece mal. No entanto, o Rei de Inglaterra e Imperador das Índias brinda sempre com um cálice de Pôrto na mão. Mas isto é na Inglaterra...

Citam-nos um facto que define bem a lei de ostracismo contra o produto fermentado da uva. Não se bebe vinho nos quartéis! Isto é inverosímil. O soldado português tem de estar a água. Como vai longe a doutrina de Afonso de Albuquerque! Pode lá ser, estar a água o militar português? É preciso que termine definitivamente êste mau hábito... Porque não há-de beber vinho o soldado português?

Lembremos ainda a necessidade imperiosa de se criar em Portugal a Academia Nacional do Vinho. Impõe-se a saída duma revista em que sejam tratados em várias línguas os diversos aspectos do vinho português. Unam-se produtores, comerciantes, agrónomos, médicos, engenheiros, advogados, porque é necessário fazer-se imediatamente a união sagrada dos Amigos do Vinho. Impõe-se a criação do grupo dos médicos amigos do vinho. E tantas idéas mais a sugerir nós não teríamos, se esta palestra não fôsse adiantada e se não fôsse um abuso prender por mais tempo a atenção de quem nos ouve!

IV

A uva e a vide

ANTES do vinho há a uva, a vide, a ramada. São atributos que a cantiga popular não esquece. É com verdadeiro carinho que o poeta trata a uva, no seu cacho cheio de beleza, nas suas côres variadíssimas.

Um cacho de uvas é um presente delicado e agradável. Assim o demonstra a cantiga:

Antoninho pede, pede,
eu não tenho que te dar:
darei-te um cachinho de uvas,
quando meu pai vindimar.

Por outro lado, a uva é um acepipe tam bom que a própria morte a aprecia com requintes macabros. Senão veja-se:

Eu já vi a morte negra
No adro a comer uvas;
Vai-te embora, morte negra,
Desamparo das viúvas!

O corte das vides é pecado e maldade. Diz o povo: «Quem corta a vide não se salva». Suavíssimo é o cantar que nos diz:

Não cortes a vide branca
Que trepa pela janela:
A 'scada do meu amor
Atrepa e desce por ela . . .

O orgulho do lavrador em ter uma ramada cheia de ótimos cachos, apinhada de uvas, é bem demonstrado na quadra popular:

Você diz que tem, que tem
Uvas na sua ramada?
Eu também digo que tenho
O meu amor em Lousada . . .

A ramada aparece, se bem que secundariamente, na canção popular:

Se houver de tomar amores,
Arentim nem por degrêdo,
Que lá há muita ramada:
Canta o cuco muito cedo . . .

A uva branca surge na cantiga popular, na seguinte quadra:

Da outra banda do rio
Tem meu pai um castanheiro:
Dá uva branca em Maio
E castanhas em Janeiro.

A elegância com que as gavinhas da videira são tratadas pelo povo está bem demonstrada na quadra gentilíssima que vamos transcrever:

Ó elo da videirinha!
Põe-te a pé, dá-me um abraço,
Que eu nunca fiz a ninguém
Meiguices que a ti te faço...

Deve reparar-se ainda na forma engraçada e comparativa do seu namorado com a vasilha de beber. Dá a impressão que a cantiga é feita por mulher, porque bem feminina é a imagem tam doce de que se serve a poetisa anónima para exprimir o seu conceito:

António, lindo António!
Linda malga de beber!
Nascemos um para o outro:
Que lhe havemos de fazer?

E para acabar êste capítulo, parece que conseguimos colher uma cantiga duma rara beleza. Vimos algures uma expressão bastante vulgarizada que diz mais ou menos o seguinte: «o vinho é sol engarrafado». Devemos dizer que não ficámos satisfeitos com a rudeza desta expressão. No entanto, é uma imagem como muitas outras que seu tilizam para a propaganda. Desde que ela é feita com inteligência, é sempre para louvar. No entanto, a frase «o vinho é sol engarrafado» não é original. O povo sentiu essa idéa mas através de outra beleza, de outra emoção, de outra poesia.

O povo tem conceitos lapidares e sempre originais. É ao povo que se tem de ir buscar a raiz das coisas. O povo é, por instinto ou por inteligência, um grande psicólogo. Eis a quadra:

Eu já vi nascer o sol,
Num copinho de beber.
Tu nasceste para mim,
Que lhe havemos de fazer?

V

O vinho verde

O VINHO VERDE é fonte permanente de inspiração para o cantor minhoto. Beber, para êle, significa tomar um ou mais copos de vinho. Beber água é expressão depreciativa para um verdadeiro minhoto. Claro que beber vinho não significa embriagar-se. O uso de vinho não é alcoolismo. Dissemo-lo e repetimo-lo: são coisas totalmente diferentes. Claro está que o abuso é sempre mau, trate-se de que produto fôr. Mas beber com regra é uma necessidade imperiosa para quem trabalha. A raça portuguesa foi embalada e criada com vinho. O vinho está nas suas veias, está na raiz da própria raça. A hereditariedade não é uma palavra vã. Sentimos a sua fôrça a mandar. Compete ao médico e ao higienista orientar o uso do vinho. Demonstrar as suas vantagens, a sua utilidade, a forma como e quando se deve beber e as doses máximas a servir por dia.

E o poeta vê isso muitíssimo bem, na cantiga que vamos ler, que está cheia de bom humor:

O diabo leve os homens,
Aquêles que bebem vinho;
O Senhor conserve o meu,
Que êsse bebe pouquinho...

O vinho excita a inteligência. Dá muita alegria ao amor.
Dá mais satisfação à vida. Provoca prazer, inspira os poetas e dá mais fôrça ao trovador:

Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta;
A gente de S. Simão
Quando bebe, logo canta...

O cantor transforma-se em rouxinol e canta e canta sempre! A sua voz melhora e torna-se em perene melodia. Vinho e cantigas. A alegria de viver. Vinho e amor. O maior prazer da vida. Vinho e paixão. O amor elevado ao máximo.

O rouxinol, o maior dos cantores. E o cantor artista, quando atinge a sua melhor forma, aproxima-se do rouxinol:

Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta.
Eu sou como o rouxinol:
Quando bebe, logo canta...

Como se vê, para que a voz atinja perfeição inultrapassável, é necessário molhá-la com vinho verde. Dá-lhe expressão, dá-lhe personalidade. É sempre o vinho uma necessidade imperiosa para o cantor do Minho. Torna a voz mais melodiosa e mais agradável:

Quem quiser que eu cante bem,
Dê-me uma pinga de vinho;
O vinho é coisa boa:
Faz o cantar mais fininho.

Ou então :

Quem quiser que eu cante bem,
Dê-me vinho ou dinheiro :
Esta minha gargantinha
Não é safra de ferreiro . . .

Vinho e dança. É bem clara a cantiga :

Vira que vira!
Também sei virar,
Um copo de vinho
C'o fundo p'ró ar . . .

O vinho acompanha o romeiro na sua doce peregrinação.
Comer e beber são necessidades fisiológicas, depois de um
grande passeio. A quadra assim o demonstra :

Hei-de ir ao Senhor-do-Monte
E hei-de ir pelo Sãmeiro;
Hei-de comer e beber,
À custa do meu dinheiro.

A veia humorística nunca desacompanha o poeta popular.
Em tudo e por tudo lá está a chalaça minhota para contraba-
lançar a tristeza.

Nunca esqueçamos que o vinho é um animador indis-
pensável :

Minha sogra morreu ontem :
A maleita vá com ela!
Deixou-me a chave da loja,
O vinho bebeu-o ela . . .

E agora veja-se também a necessidade que há em se cui-
dar bem das mulheres, sexo que se convencionou ser o mais

frágil, mas que é de facto o mais forte. No entanto, é o belo sexo. Há um provérbio polaco que nos diz : « o homem é a cabeça, a mulher o pescoço » ; quando o pescoço não gira, a cabeça não anda. E como assim é, o poeta do Minho trata-a bem, dando-lhe preferência, sendo até muito injusto para o sexo forte :

Ó que pinheiro tam alto,
Lindo pau para colheres!
Água choca para os homens,
Vinho bom para as mulheres!

Pão e vinho. É o manjar do lavrador. São os dois produtos mais portugueses. É lei de hospitalidade entre o minhoto receber-se qualquer visita com um copo de vinho. Aqui não há o pretensioso chá das cinco, efeminado e tantas vezes ridículo. Aqui não há o « champagne » falsificado, nem a cerveja mal fermentada, e ignora-se a « laranjada ».

Vinho da terra, autêntico vinho que foi regado com o suor do lavrador, que trabalhou de sol a sol para que êle fôsse uma especialidade, orgulho da sua quinta, orgulho da sua terra. No Minho, sim, é que existe nacionalismo de verdade. Bebe-se e come-se bem. Não há bebidas estrangeiras, nem comida à francesa, pretensiosa e pouco abundante. Vinho, boroa, cozido à portuguesa. Lealdade nas acções, lealdade na comida. Nacionalismo na bebida. Vinho e só vinho é que o honrado povo minhoto bebe :

Eu já fui ao teu pomar,
E mais ao teu pomarzinho ;
Eu já comi do teu pão
E já bebi do teu vinho.

Até na terapêutica o vinho é aconselhável. Todos sabem que o vinho verde é diurético. Mas a quadra que vai ler-se aconselha-o para as dores de cabeça:

Doi-me tanto a cabeça,
Que me quer cair ao chão ;
Dai-me mais uma pinguinha,
Ou ela me caia ou não . . .

Quem não conhece as lindíssimas morenas do nosso Minho? Quem não conhece as fortes raparigas belas e tostadas pelo sol da nossa alegre província? Qual é o homem que não fica a cismar na beleza dessas lavradeiras tam cheias de graça e de côr? . . .

Morenas de olhos negros, de faces rosadas, pintadas pelo sol, da *côr do alvaralhão*? Como é preciso o poeta ao comparar a côr morena das mulheres com essa excelente e bela casta de uvas. Que riqueza de expressão, que marca bem a beleza morena das morenas !

Vós chamais-me trigueirinha,
Da côr do alvaralhão?
Eu sou trigueira no rosto
E alegre no coração . . .

E agora terminemos. É tempo de acabar. O vinho, como fica bem demonstrado, é o prazer maior de todos. É o cinema, é o teatro, é tudo para o minhoto. Um copo de bom vinho é um bom livro para o homem do Minho. No entanto, há uma coisa que o ultrapassa. E confessemos que o minhoto tem razão! É o amor. O amor, o puro amor português, que domina tudo e todos. O amor português! E como não havia de ser assim, pois que o vinho é sangue no altar, é brinde no casamento, a ligar dois seres que muito se amam. É alegria

nos baptizados, é satisfação nos aniversários, é consagração nas homenagens. É alegria, muita alegria, nas festas e romarias! E é Rei nesta conferência!

A maior glória para o vinho é ser suplantado pelo amor, se bem que seja o seu legítimo complemento. Bebe-se quando se ama, bebe-se quando não se é amado. Bebe-se com amor, bebe-se com paixão, bebe-se com ciúme. Amor e vinho!

Tenho fome, tenho sede,
Não é de pão, nem de vinho :
Tenho sede de um abraço,
Tenho fome de um beijinho . . .

Nem na hora da morte o vinho é esquecido. O minhoto nasce e morre com o vinho. Compreendem-se perfeitamente as cantigas :

Hei-de morrer numa adega,
O tonel é o meu caixão,
O vinho é a minha mortalha,
P'ra 'star c'o copo na mão!

Rapazes, quando eu morrer,
Levai-me devagarinho :
Por baixo com aguardente,
Por cima botai-me vinho!

E vamos concluir êste extenso trabalho com uma quadra que diz tudo. Ela resume todos os desejos do homem do Minho. O vinho envasilhado numa adega é a realização do maior sonho da gente da província mais portuguesa. O povo tem na cantiga que vamos ler a maior saüdação ao vinho. O amor ao vinho não pode ser mais intenso do que o que é traduzido nessa quadra cheia de emoção, cheia de interêsse e amor pelo vinho verde :

Não quero os ricos cavalos,
Nem os palácios reais :
Só qu'ria ter uma adega
De vinte pipas ou mais!

ONZE CANÇÕES RELACIONADAS
COM O VINHO VERDE (MELODIAS
POPULARES RECOLHIDAS POR MA-
RIA CLEMENTINA PIRES DE LIMA)

Cantilena dos pedreiros de Melgaço

A « Cantilena dos pedreiros de Melgaço » é uma curiosa melopeia, com que os pedreiros da fronteira da Galiza estimulam as contracções musculares dos seus braços, procurando atenuar a sua penosa tarefa.

Nas audições desta obra de Mestre Lambert, já realizadas na Universidade de Coímbra, no Ateneu Comercial do Pôrto e na Emissora Nacional de Lisboa, tive ensejo de a comparar à Canção dos barqueiros do Volga.

Mestre Lambert, na sombria toada dos pedreiros, insinua uma alegre risada, quando um dos obreiros anuncia que « lá vem o patrão com meia canada » . . .

Cantilena dos pedreiros de Belgaço

Melodia recolhida por Maria Clementina Gomes de Lima

Harmonizada por Lucien Lambert

Quasi lento

Canto

Piano

mf *pesado*

(simile)

Se - ri - nha ei - - - - - u - u - u - - - - -

Ó man - da - di - - - - - ar - rin - cae ti - - - - -

Eue vai li - gan - do, Eue vai su - bin - do
 Gra sui des - can - so Es - ta é a pa - di -
 - ei - ra — da fa - ne - la! Car-re-quem pro fun-do
 Eôô-ô-u é e - la, to da con-ten-te, priê-sa cor-rem - te que'stá a che-

Piu mosso

-gar - à ter-ra de - la Eô-u-u ra-pa-zi-a - da

Lá vem o pa-trão com-me-a ca-na-da

Eô ô ô - u - u Eô ô ô - u - u

3º Tempo quasi . lento mf dim.

p

II

Olha o Quico!

«**O**LHA O QUICO» é um lindo côro das romarias minhotas.
A cantadeira mandou a sogra «para a maleita»,
por ela lhe ter deixado a chave da adega, depois de
ter escorropichado o vinho todo . . .

Era a maior ofensa que lhe podia ter feito!

Oha o Inico

Melodia popular recolhida e harmonizada por

Maria Clementina Pires de Lima

Andantino

Canto



Mei-nha so-gra mor-reu on — tem

Piano



A ma-lei-ta vâ com e — ta Dei-xou-meg cha-ve da



de — ga O ri-ngo le-vou e — ta



O-ffo Zui-co-ffo Zui-co-ffo Ze ——— O-ffas mo-ças da ban-da da

schemando

stacc

Se ——— O-lh'as mo-ças da ban-da da Se ——— O-lh'o Luzi-co-o-lh'o Luzi-co-o-lh'o

Tenho fome, tenho sede
 Não é do pão nem da vinha
 Tenho fome dum abraço
 Tenho sede dum beijinho
 Olha o Luis, Olha o Luis, Olha o Luís
 Olha as moças da banda da Sê
 Olha as moças da banda da Sê
 Olha o Luis, Olha o Luis, Olha o Luís.

III

Chirinó

«**C**HIRINÓ» é uma dança velha e grotesca. Ainda hoje, no Minho, é usada a seguinte expressão ameaçadora: « Olha que eu faço-te dançar o Chirinó » . . .

Alguns destes versos, com outra melodia, ainda há pouco foram ouvidos por meu pai, em plena rua da Sovela, a uma pobre velhota que pedia excepção para o seu homem, que bebia pouquinho . . .

Chirino

Meledia popular colhida e harmonizada por

Maria Clementina Feres de Lima

Andantino

Canto

O chi-chi mo' em Braga O chi-chi! — A mu-

Piano

cresc.

f *mf*

-Abra em Gui-ma-rões — Vai o Dommi-nó dançar o chi-ri-nó Chi-chi e li-la-ró.

f *dim.*

O diabo le-ve os homens O chi-chi! —

A-que-les que bi-bem ri-ahe O se-nhor con-ser-ve o meu Oh chi-

cresc.

-chi. Quê-se be-be pou-co-chi-ahe. Vai o Do-mi-no dançar o chi-ni

cresc.

-no Chi-chi é ti-la-rô!

(m.e.)

IV

Para os nossos copos

«**P**ARA OS NOSSOS COPOS »
é uma lenga-lenga extrêmadamente curiosa, colhida por mim em S. Simão de Novais.

A uma rapariga de Penafiel ouvi uma variante mais extensa e o célebre etnógrafo Abade do Baçal, no volume X das suas «Memórias de Bragança», insere outra variante muito longa, que fôra colhida em Mirandela, pelo Carnaval.

Em qualquer dos casos, a mulher por nada se deixava tentar e a tudo preferia um copo de vinho . . .

Se Margarida fôsse desta raça, não precisaria o Fausto de gastar tanto dinheiro em jóias!

Par' os nossos copos

Melodia recolhida e harmonizada por

Maria Clementina Fries de Lima

Scherzo

Canto

Piano

Mulher minha não be-bas mais vinho Que eu

Hei-de te dar uns so-cos Os pés tor-tos não querem os so-cos O-ra venha vinho par' os mes-sos

co-pos! Mulher minha não be-bas mais vi-nho Que eu hei-de dar t'umas mei-as As per-nas

fei-as não querem as mei-as Os pés tor-tos não querem os so-cos O-ra venha

The first system of the musical score consists of a vocal line on a single staff and a piano accompaniment on two staves. The vocal line begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The lyrics are written below the notes. The piano accompaniment starts with a bass clef and a key signature of one sharp. The first measure of the piano part features a complex chordal structure with multiple beamed notes in both hands.

vi-nho pa-r'os nos-sos co-pos! Minha minha não be-bas mais vi-nho Que eu

The second system continues the musical piece. The vocal line and piano accompaniment maintain the same key signature and tempo. The lyrics are written below the vocal staff. The piano accompaniment features a mix of chords and moving lines in both hands, with some measures containing rests.

Rei-de dar-t'um man-te-o O man-te-o não le-va ao Rei-o As pernas

The third system of the musical score shows the vocal line and piano accompaniment. The lyrics are written below the vocal staff. The piano accompaniment continues with its characteristic chordal and melodic patterns, supporting the vocal melody.

fei-as não querem as mei-as Os pés tor-tos não querem os so-cos O-ra venha

The fourth system is a repeat of the first system, featuring the same vocal line and piano accompaniment. The lyrics are identical to the first system. The piano accompaniment includes a section marked '8va.' (octave) in the right hand, indicating a change in register.

vi-nho pa-r'os nos sos co-pos! Kulber minha não be-ba mais vi-nho Sue en hei - de dar-t'á-ma

tou-ca Hou-lher lou-ca não quere a tou-ca O man-te-o não leva ao Cé-o As per-nas

fei-as não querem as mei-as Os pés tor-tos não querem os d'ó-cos O-ra venha

vi-nho pa-r'os nos sos co-pos O-ra venha vi-nho pa-r'os nos sos co-pos

V

Ó peão!

«**Ó** PEÃO» é outro coral minhoto próprio das romarias.
As cantadeiras reclamam ardorosamente uma
pinga de vinho para amaciar a garganta . . .

O Peão

Melodia recolhida e harmonizada por

Maria Clementina Feres de Lima

Allegretto

Canto

Jo-mem no-ta meus se-nho-res ó pe-

Piano

-ão a água vem de carrinho O pe-ão dan-ça o pe-ão bai-

-har o pe-ão d'f - vei-no o pe-ão d'o -- var-
8º 6º 7º

Le-ve-o

The musical score is written on three systems. The first system shows the vocal melody (Canto) and piano accompaniment (Piano) in 3/4 time. The lyrics are 'Jo-mem no-ta meus se-nho-res ó pe-'. The second system continues the melody and accompaniment with lyrics '-ão a água vem de carrinho O pe-ão dan-ça o pe-ão bai-'. The third system concludes the piece with lyrics '-har o pe-ão d'f - vei-no o pe-ão d'o -- var- 8º 6º 7º' and 'Le-ve-o'. The piano part features a rhythmic accompaniment with chords and moving lines.

di - u - lo pai xões ô pe - ão Venhamyar e ra fas de vi - nhô pe ão dan -

- sar ô pe - ão bai - tar ô pe - ão d'a - vei - ro ô pe - ão d'o -

- var Enem qui - sor

Quem quiser que eu cante bem	O vinho é coisa boa
Ô peão	Ô peão
Dê-me uma pinga de vinho	Faz o cantar mais fininho
Ô peão dançar, ô peão bailar,	Ô peão dançar, ô peão bailar,
Ô peão d'aveiro, ô peão d'ovar.	Ô peão d'aveiro, ô peão d'ovar.

VI

Ó vinho, licor famoso!

«**Ó** VINHO, LICOR FAMOSO!»
É assim que o cantador classifica esta bebida.
Ele participa das mesmas ideias das suas colegas da canção anterior.

Entendem que a gargantinha, para cantar bem, precisa de estímulo . . .

«Já comi e já *bobi*», diz o lavrador de S. Simão, o qual, como o rouxinol de outra cantiga semelhante, «quando bebe, logo canta»!

O vinho, licor famoso!!

Cancão popular recolhido por Maria Clementina Fries de Lima

Giocoso

Harmonizada por Beta Alves de Sousa



O vi-nho, li-cor fa-mo-so, a vi-da de-vo a

First system of the song. The vocal melody is on a single staff, and the piano accompaniment is on a grand staff. The lyrics are 'O vi-nho, li-cor fa-mo-so, a vi-da de-vo a'. The piano part has a '8va' marking above the first measure and a 'mf' marking below the third measure.

ti. No tem-po d'a go-ra go-so no ou-tro tempo so-fru... Se me qui-zeres ou-vir can-

Second system of the song. The vocal melody continues with the lyrics 'ti. No tem-po d'a go-ra go-so no ou-tro tempo so-fru... Se me qui-zeres ou-vir can-'. The piano accompaniment continues. A '8va' marking is present above the first measure of the piano part.

-tar Dai-me vi-nho ou di-nheiro Si'es ta mi-nha gan-gan-ti-nha não a-fer nenhum fer-

Third system of the song. The vocal melody continues with the lyrics '-tar Dai-me vi-nho ou di-nheiro Si'es ta mi-nha gan-gan-ti-nha não a-fer nenhum fer-'. The piano accompaniment continues.

-rei-ro... já co-mi e já be-

animato *mais devagar*

-li — já mo-lhei mi-nha gar-gan-ta A gen-te de S. Si-mão — quan-do

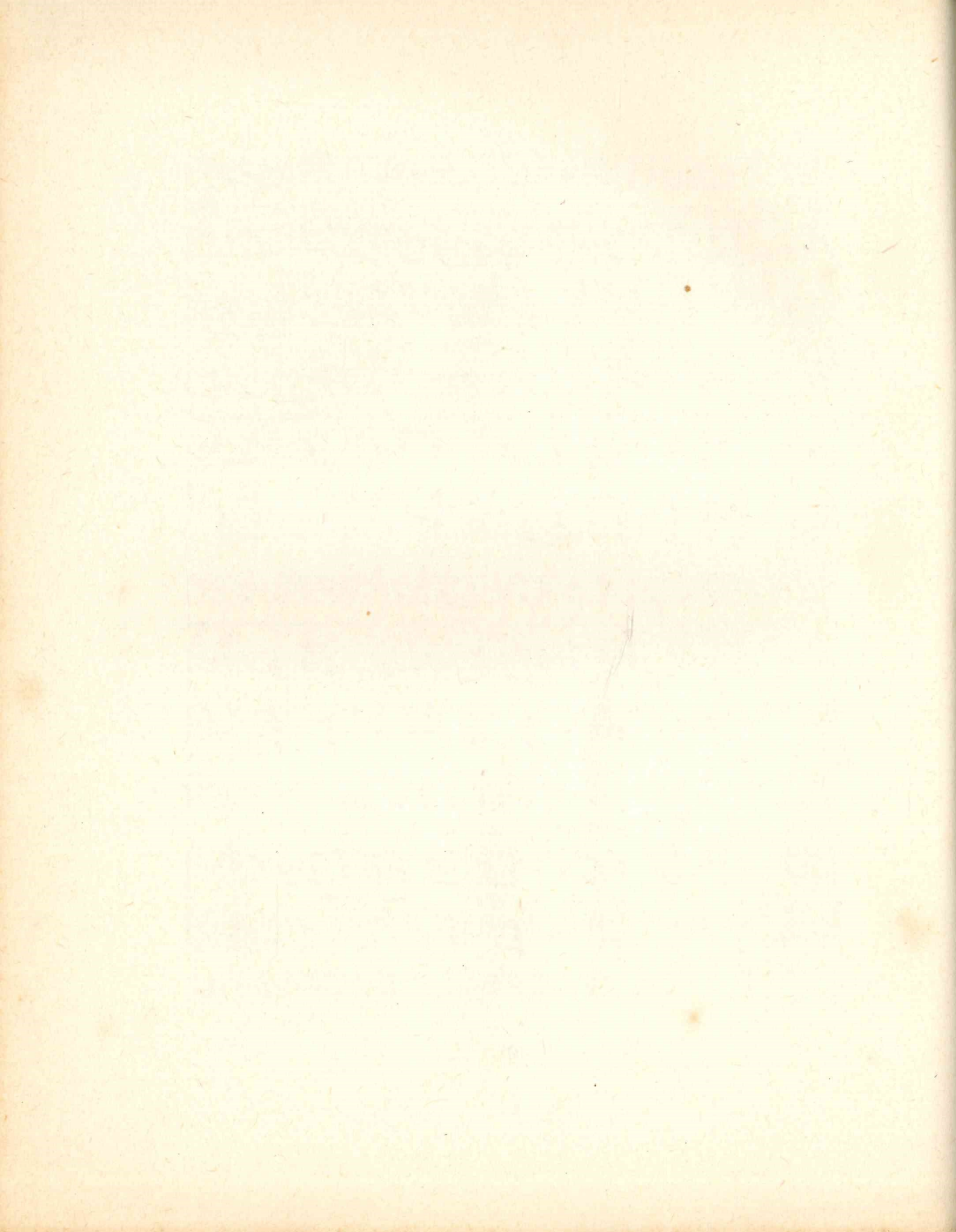
atempo *(mais devagar)* *atempo*

be-be, lo-go can-ta! O vi-nho de S. Si-mão — não é ven-di-do nas tas-cas, porquê

mi-ni-to a-tre-ri-do, só ser-ve p'ra za-ra-ga-tas!

accel. *(marcatissimo)*

Ped.



VII

Pelo mar abaixo

É tal a ânsia do Minhoto por saborear o alegre vinho verde que até « Pelo mar abaixo » êle vê um barril cheio do precioso líquido.

Na interessante harmonização, sente-se nitidamente que se trata de uma obra aquática, notando-se a ondulação do mar.

Por o mar albaixo

Melodia popular colhida por Maria Clementina Fries de Lima

Harmonizada por Paula Alves de Sousa

Vivo

Canto

Piano

legg.

Ped.

Por o mar a - bai - xo

Vai um pi - pa - ro - te se - le - va ar - mbo o do ri - cri -

Ped.

- cri! fi - rei b'o ba - to - que, o dori - cri - cri! mi - mba ri - c'an - dei - ra o dori - cri -

Ped.

Ped.

- cri! la-di-mba ra - rei - ra Por o mar a - bai - xo

Ped.

Por o mar a - ci - ma Ven-de-re-a-gua-a-deu-te, ó do ri - cri -

- cri! Da-que-la mais fi - na, ó do ri - cri - cri! Minba ri - c'am-dei - ra, ó do ri - cri -

(m.s.) (m.d.) (m.s.)

Ped.

- cri! la-di-mba ra - rei - ra.

(smorzando)

Ped. Ped. Chiusa

VIII

Boa noite, ó meu patrão!

MUITO engraçada e original é a melodia, tam artística-mente harmonizada: «Boa noite, ó meu patrão!»

Tanto o *estilo* como a respectiva poesia são um tanto selvagens, o que não é de estranhar, pois, segundo me informou a cantadeira, pertenciam ao repertório de um grupo de ciganos.

Boa noite, é meu Patrão!!

Cantiga popular de origem cigana, colhida por Maria Clementina Fries de Lima

Harmonização de Berta Alves de Sousa

Animado

Canto

Piano

f

Ped.

Boa noite é meu pa-trão! E tumba cata tumba maca-ne-ca Eu me vou dis-tar ao mar E tumb

Ped. Ped. Ped. Ped. Ped.

tum da-lhe da-lh'a dar E tumb tum da-lhe da-lh'a dar... Eu vou me d'a-

rit. *allegro*

Ped. Ped. Ped. *

-qui con-to-ra E tumba ca-ta tumba na ca-ne-ca Eu d'a-qui mem-to-ra vou E tum

cresc.

Ped. * Ped. Ped. Ped.

tum da-lhe da-lh'a dar E tum tum da-lhe da-lh'a dar... You mem-to-ra

Ped. Ped. Ped. * Ped. *

por q'eu que-ro E tumba ca-ta tumba na ca-ne-ca Que a mim ain-guem me man-dou E tum

cresc.

Ped. * Ped. Ped. Ped.

tum da-lhe da-lh'a dar E tum tum da-lhe da-lh'a dar...

Ped. Ped. Ped.

IX

O Vinho

NA canção «O Vinho» sente-se perfeitamente o estado etílico do cantador.

É grande o desequilíbrio:

Nem os versos têm métrica, nem a melodia tem o ritmo no seu lugar. Oferece no entanto grande novidade, especialmente pela característica e original harmonização. Estava esta canção muito em voga no verão passado em S. Simão de Novais, por ocasião das vindimas.

O Vinho

Meleodia recolhida por Maria Clementina Pires de Lima

Harmonizada por Luis Costa

Canto

Hei-de morrer n'u-m'a-de-ga O to-méio meu

Piano

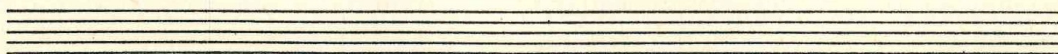
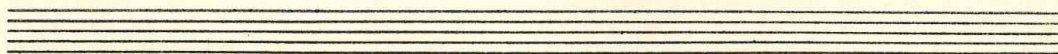
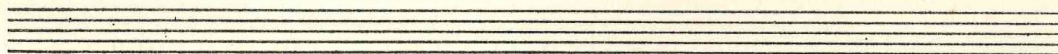
- cai - xão - O vi-nho é mi - nha mortá-lha p'ra star c'o co-po -

- na mão É-rao vi-nho numa-môr é-rao vi - nho é-ra a coi-sa qui'en mais a-do -

-ra - va E-rao vi-nho meu amor e-rao vi - nho E-raa coisa quem mais a-do-

-ra - va só por mor-te men-bem só por-mor-te só por mor-te que o vi-nho dei-

-xa - va



X

Adega de vinte pipas

NA canção «Adega de vinte pipas», o cantador minhoto manifesta a sua aspiração suprema:
não aprecia os cavalos fogosos, nem ficaria contente vivendo num palácio; o que deseja, acima de tudo, é ter uma adega bem repleta . . .

Alegria de vinte pipas

Melodia colhida por Maria Clementina Fico de Lima

Harmonizada por Lucien Lambert

Allegretto

Canto

Piano

Não

quero os ri-cos ca-va-los nem os pa-lácios re-

-ais. só qui-ni-a ter u-ma-de-ga De

vin - te pi-pás ou mais. ó

mei a - mor vai t'em - bo - ra. Sai dor - miu qu'en sa dor -

- mi. Quando m'a - pa - re - cer's sem vi - nho. Eu

fa - la - rei pe - ra ti.

XI

S'ela leva vinho . . . (1)

NÃO pode haver propaganda mais enérgica:
Passa por debaixo da ponte uma cabaça: « se ela leva
vinho, leva tôda a graça . . . » diz o poeta.

E se, pelo rio abaixo, vai uma panela cheia do *licor*
famoso,

— Vamos todos atrás dela!

— Vamos todos atrás dela!

(1) No Prefácio dêste livro (pág. 12) esta canção tem o título:
«*Debaixo daquela ponte*».

S'ê-la le-va vinho...

Melodia popular colhida por Berta Alves de Sousa

Harmonizada por M.^{te} Clementina Fries de Lima

Allegretto

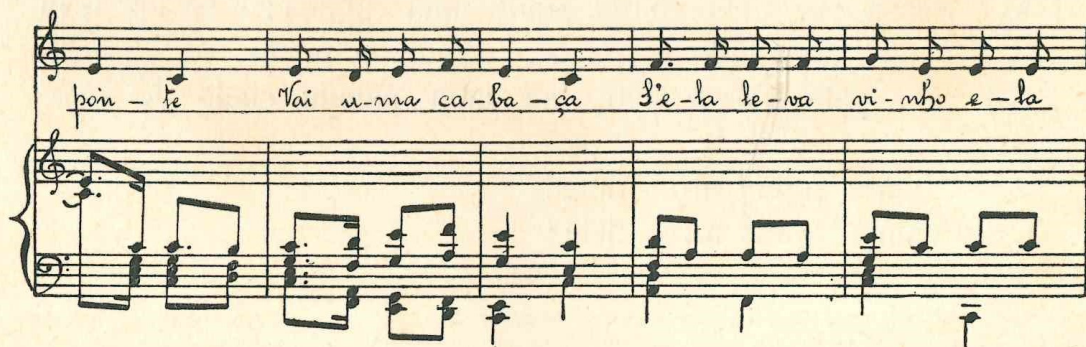
Canto

De - bai - xe da - que - la

Piano



pin - te Vai u - ma ca - ba - ça S'ê - la le - va ri - nho e - la



le - va to - d'a gra - ça S'ê - la ca - ba - ça le - va ri - nho e - la le - va to - d'a



gra - ça — De - bai - xe da - que - la pan - te

The first system of the musical score consists of a vocal line on a single staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The vocal line begins with a half note 'gra' followed by a long dash, then continues with eighth notes for 'De - bai - xe da - que - la pan - te'. The piano accompaniment features a series of chords and moving lines in both hands, with some triplets indicated by a '3' over a group of notes.

Ita u - ma pa - ne - ta I'e - la le - va ri - nbo va - mos to - dos a - trás

The second system continues the musical piece. The vocal line starts with a half note 'Ita' followed by a long dash, then eighth notes for 'u - ma pa - ne - ta'. After a short gap, it continues with eighth notes for 'I'e - la le - va ri - nbo va - mos to - dos a - trás'. The piano accompaniment continues with similar chordal and melodic patterns, maintaining the harmonic structure.

de - la s'a pa - ne - ta le - va ri - nbo va - mos to - dos a - trás de - la s'a pa -

The third system of the score follows the same pattern. The vocal line begins with eighth notes for 'de - la s'a pa - ne - ta', followed by a long dash, then eighth notes for 'le - va ri - nbo va - mos to - dos a - trás de - la s'a pa -'. The piano accompaniment provides a steady accompaniment with chords and moving lines.

- me - ta le - va ri - nbo va - mos to - dos a - trás de - la.

The fourth and final system on this page concludes the musical phrase. The vocal line starts with eighth notes for '- me - ta le - va ri - nbo va - mos to - dos a - trás de - la.', followed by a long dash. The piano accompaniment ends with a series of chords, some marked with a '3' for triplets, leading to a final cadence.

Biblioteca etnográfica e histórica portuguesa

Publicada sob a direcção de Damião Peres, professor da Universidade de Coimbra

O ciclo do Natal na literatura oral portuguesa,

por **Afonso Duarte**, prof. da Escola Normal de Coimbra

Cantares do Minho, por **Fernando Pires de Lima**

Novos Estudos de história do direito,

por **Paulo Merêa**, prof. da Fac. de Direito de Lisboa

Etnografia artística portuguesa, por **Virgílio Cor-**

reia, prof. da Faculdade de Letras de Coimbra

Como nasceu Portugal, por **Damião Peres,**

prof. da Universidade de Coimbra

Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho,

por **J. Pires de Lima**, prof. da Faculdade de Medicina

do Porto, e **F. Pires de Lima**

A SEGUIR:

Cartas de Damião de Góis

com uma introdução por **M. Lopes de Almeida,**

prof. da Faculdade de Letras de Coimbra.

biblioteca
municipal
barcelos



63744

O vinho verde na cantiga
popular